

Três Mulheres do Drama do Séc. XIX nas Mulheres de Nosso Tempo - O Cristianismo como Obliteração das Mulheres^{1 2}

Paulo Gaiger
Doutor em Ócio e Potencial Humano pela Universidade de Deusto, Bilbao, Espanha (reconhecido como Doutorado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Professor da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador de projeto de Pesquisa "Gênero e Teatro: processos artístico-sociológicos". Consultor Internacional de ONV/ONU (1/2008), Honduras, e ENAD/UNICEF (2007), Honduras, do Programa Conjunto de Apoio à Segurança Humana (PCASH-ONU). paulogaiger@gmail.com

Tres Mujeres del Drama del Siglo XIX en las Mujeres de Nuestro Tiempo - El Cristianismo como Obliteración de las Mujeres

Resumo: O artigo é um recorte do processo desenvolvido no grupo Gênero e Teatro. Neste 2019, foram pinçados da dramaturgia do XIX, três personagens mulheres das peças *A dama das Camélias*, *Casa de Bonecas* e *Senhorita Júlia*. Sobre a realidade contemporânea da mulher, foram selecionadas três crônicas do jornal *Diário Popular* que abordam a trajetória da mãe e das filhas no ambiente familiar. Nessa direção, *Gisele*, escrito a partir da história real de Gisele Santos, quase assassinada por seu namorado, integram esta reflexão. Aqui nos propomos a desvelar relações entre as três personagens, as mulheres da trilogia e *Gisele*, assim como a reflexão de como as relações de poder e sujeição se renovam da forma explícita à dissimulada.

Palavras-chave: Teatro; Crônica; Condição feminina; Cristianismo.

Abstract: *El artículo es un recorte del proceso desarrollado en el grupo de género y teatro. En este 2019, fueron rescatados de la dramaturgia del siglo XIX, tres personajes femeninos de las obras The Lady of Camellias, Doll House y Miss Julia. Sobre la realidad contemporánea de las mujeres, se seleccionaron tres crónicas del periódico Diario Popular que abordan la trayectoria de la madre y las hijas en el entorno familiar. En esta dirección, Gisele, escrita desde la historia real de Gisele Santos, casi asesinada por su novio, es parte de esta reflexión. Aquí proponemos revelar las relaciones entre los tres personajes, las mujeres de la trilogía y Gisele, así como el reflejo de cómo las relaciones de poder y sujeción se renuevan explícitamente a los disfrazados.*

Keywords: Teatro, Crónica, Condición femenina; Cristianismo..

Os dramas *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, *A casa de bonecas*, de Henrik Ibsen e *Senhorita Júlia*, de August Strindberg, têm em comum o recorte da vida de três mulheres encerradas em um universo social, religioso e político hegemonicamente masculino. Margarida é a personagem central de *A Dama das Camélias*, melodrama romântico muito apreciado em suas várias versões. Vivendo no meio de aristocratas, entre nobres e condes, frivolidades, galanteios e assédio constantes, Margarida se vê obrigada a manter um estilo de vida de aparente opulência e caprichos, que a leva à falência e à morte por tuberculose. Armand Duval, apaixonado, tenta de todos os modos saldar as dívidas de Margarida condicionando, como outros, a relação à exclusividade e, ao mesmo tempo, à reclusão. Margarida revela-se perdida em meio ao tumulto da testosterona que a cerca, que a deseja, mas não a respeita. Ao longo do tempo, público e crítica atribuíram a desdita de Margarida ao fato de ela ser prostituta de luxo, como uma punição divina. Nenhuma palavra em relação aos homens que a cortejavam, sujeitavam e a usavam. Em *A Casa de Bonecas*, Nora é tratada infantilmente por Helmer, seu marido, como se ela fosse uma criança, uma inábil, um bibelô. Aquilo que em uma primeira leitura poderia ser entendido como carinho, proteção, respeito e afeto, é expressão de menosprezo, violência dissimulada e cerceamento. São as contradições e a ingratidão de Helmer que fazem despertar em Nora a consciência de seu cárcere. Ela abandona o lar, marido, filhos e os privilégios burgueses que a detém, e ruma para um lugar indefinido. Por ter deixado os filhos, Nora é execrada pelo público e pela crítica. Nada se ouviu em relação ao seu marido. Júlia, insegura e presa aos costumes e à propriedade de seu pai, embora busque subverter sua condição marginal de mulher, ao mesmo tempo aristocrática e submissa,

[1] Parte deste trabalho foi apresentada no 7º SENALLP - Simpósio Temático: Literatura dramática do conflito: tensão e embate no texto teatral - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG/2019).

[2] Integrantes do Grupo: GIGANTE, Cláudia; MENDES, Karolína; CONTER, Letícia; OLIVEIRA, Érica (todas estudantes do Curso de Teatro – Licenciatura da UFPel).

[3] Quando deixei de existir. Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.br/opinioao/quando-deixei-de-existir-139455/>>; Quando matei minha mulher. Disponível em: <<https://www.diariopopular.com.br/opinioao/meu-pai-era-contra-o-tema-de-genero-na-escola>>

comete suicídio, menos pelas possibilidades esfumaçadas de emancipação, mas, sobretudo, pelo sentimento de culpa vivido após ter tido relações sexuais com um empregado. A personagem é considerada ingênua e perturbada ao deixar-se seduzir por Jean, o empregado, com quem chega a fazer planos mirabolantes de fuga. Quase nada se sabe sobre Jean, a não ser o dedo apontado ao fato de ele ser argucioso, empregado e de pertencer a uma classe inferior. No *Diário Popular*, principal periódico da região sul, o cronista Paulo Gaiger, também autor deste trabalho, publicou uma trilogia sobre a trajetória e condição femininas em uma mesma família, desde a relação de namoro dos pais ao darem-se conta das filhas, e da mãe em relação à condição de depreciação e sujeição³. Outra situação é refletida no esquete *Gisele* ou *Sem (a)braços*, peça curta escrita por Paulo Gaiger, a partir de um fato real ocorrido em Porto Alegre há cinco anos. Gisele teve os pés e as mãos amputados a golpes de facão por seu namorado, tomado pelo ciúme em razão do pedido de separação. Ele está preso, mas ela o perdoou.

A pesquisa busca desvelar relações entre as três personagens dos dramas, o contexto masculino que as cerca, e as mulheres e contextos de nosso tempo através das crônicas e do esquete. Em que medida, Júlias, Noras e Margaridas renascem, sobrevivem e quebram barreiras no Brasil do século XXI, seja em nossas famílias, seja como Gisele. E, sobretudo, busca desvelar a contaminação do cristianismo na compleição da mulher.

As mulheres e o tempo

Ao longo da história, especialmente depois que nos convertemos em sedentários, deixando o bando, a pequena tribo e a vida de caçadores-coletores, e nos fixamos em uma terra para plantar e

criar animais domesticados, a condição feminina sofreu alterações mais acentuadas. O que sabemos, está registrado através da arte da cerâmica, nos túmulos e, posteriormente, na escrita. A idade do ferro foi um período de fortes mudanças e que foi construindo, pouco a pouco, um lugar de sujeição para as mulheres nas diferentes sociedades, embora com exceções. Antes, no paleolítico, por exemplo, a ideia de casal era desconhecida. Cada mulher pertencia igualmente a todos os homens e cada homem a todas as mulheres. O matrimônio era por grupos. Cada criança tinha vários pais e várias mães. No entanto, com a agricultura, a ideia de casal a partir do pátrio-poder foi se cristalizando, o homem como proprietário da terra e do filho, e este com uma mãe que também pertence ao seu pai. A história dos últimos oito mil anos coloca a mulher também como troféu de guerra e batalha: o estupro, o sequestro e o assassinato. A história de Helena de Tróia aponta realidades muito mais danosas às mulheres. Outros tempos, outra ética, outras cabeças.

Em que pese tudo isso, foi o surgimento, o poder e a expansão do cristianismo que determinou, em nome de um ser superior fantasmal, o nicho em que devem ser colocadas as mulheres do mundo todo: da submissão, da dedicação, da assexualidade e da obediência. Em Éfeso, na Turquia, Ártemis, a deusa da vida selvagem, da fertilidade e da caça, foi substituída pela Virgem Maria, divindade cristã da passividade, da sujeição, da mudez e da servidão. As mulheres e homens que visitam a casa da Virgem confundem isso com predestinação, desvelo e amor.

Nesses dois mil anos, o cristianismo conquistou reinos, territórios e nações, proibiu os cuidados corporais e o saneamento, evangelizou aborígenes para serem mais facilmente exterminados, perseguiu outras religiões, caçou cristãos considerados hereges,

torturou e queimou mulheres e homens desobedientes em nome de Deus. As alegadas mensagens de amor presentes, especialmente, nos evangelhos, frente à violência protagonizada pelas igrejas ao longo da história perdem força e sentido. Em nossos tempos tacanhos, são as igrejas cristãs evangélicas as que sustentam partidos fascistas ou de direita, mas, sobretudo, os discursos homofóbicos, misóginos e racistas. Nenhuma palavra se refere à desigualdade social ou à injustiça.

As três mulheres da dramaturgia, Gisele e as mulheres das crônicas, carregam em seus corpos, em seus olhares e modos demarcados de pensar, o lugar e a conduta permitida às mulheres segundo o cristianismo: a Maria submissa e pura, e não Ártemis, da vida selvagem. Menos ainda a personagem dos evangelhos, Madalena, que por sua ascendência sobre Jesus e seus seguidores, segundo estudos recentes, foi eliminada da bancada dos eleitos por Deus. Mulheres não entram no reino, a não ser que aceitem a domesticação ao papel determinado pelo cristianismo.

Rituais sagrados de domesticação

Ainda, a educação das meninas é desigual a dos meninos, em um sentido de pobreza e de demarcação de limites estreitos. Embora as exceções existam, para a maior parte das meninas, especialmente das camadas mais empobrecidas, lhes toca as tarefas domésticas, os cuidados com os irmãos menores, o emudecimento diante do assédio e abuso sexual por familiares, a postura e condutas legitimadas como boas maneiras, a internalização imperativa da maternidade e do casamento. Mesmo que o número de meninas e mulheres venha num crescente nas escolas e nas universidades, por outro lado, são as mulheres as mais constrangidas a abandonar os estudos precocemente em razão de tarefas do lar e da gravidez

precoce. Os templos neopentecostais se multiplicam feito pragas em todas as cidades, com a incumbência de cercear mulheres e manter os estados de pobreza. O bispo da Universal pregou que mulheres não devem ingressar na universidade porque correm o risco de ficar sem marido. O marido é quem as protege, sustenta e é a quem elas devem agradecer. O islã é aqui.

Os estímulos à maternidade e às proles numerosas também são parte de estratégias masculinistas amparadas em preceitos bíblicos para manter as mulheres reclusas e ocupadas. Outras mulheres receberão um salário menor do que os homens, embora desempenhem tarefas semelhantes. Meninas, adolescentes e mulheres adultas serão vigiadas e cobradas quanto à vestimenta, aos cuidados corporais, à necessidade do aborto, à fidelidade e à obediência. A Virgem fez bem o seu trabalho.

CONSIDERAÇÕES EM DEVIR

A partir desta reflexão/ensaio, se pode inferir que as Noras, Margaridas, Júlias, Giseles e as mulheres da trilogia, podem ser encontradas em muitas das famílias brasileiras. Parte deste fenômeno redivivo se deve à onda conservadora e moralista que vem tomando conta de todos os rincões do país, mas, sobretudo, à propagação das igrejas neopentecostais. Nos dramas, as personagens mulheres estão enjauladas na supremacia masculinista que desenvolve estratégias nas quais dissimula a opressão por zelo. Gisele, que representa centenas de mulheres golpeadas, mutiladas e assassinadas por seus maridos ou namorados, não consegue ver a si mesma porque foi convencida de que a sua imagem ideal é a do marido ou do namorado. As mulheres da trilogia, se na primeira parte o relato vai da vitalidade e liberdade juvenil a um grau de sujeição através de artifícios

e chantagens próprias do macho e das famílias, na segunda, o marido e pai, sendo velado, repassa toda a sua vida e, somente agora, morto, percebe o quanto oprimiu as mulheres da casa. Na terceira parte, as filhas percebem a armadilha e conseguem saltar fora levando consigo a mãe para se reconstruírem.

Enquanto escrevemos esta reflexão, Bolsonaro, em visita a Arábia Saudita, do ditador Bin Salman, disse: “Todo mundo gostaria de passar a tarde com um príncipe. Principalmente vocês, mulheres!”. O Conto da Aia já está acontecendo!

Há muito que pensar e fazer!

Gisele ou sem (a)braços

Paulo Gaiger

Moça, moça... me faz um favorzinho...óí esse paninho aqui no meu colo, dá uma limpadinha na minha baba... desculpa, tá, moça. Depois desse acidente, eu fico me babando! Fico chateando as pessoas! É meio nojento, né? Como é o teu nome? Que bonito! Adoro esses nomes... o meu é Gisele, pomposo, né! Gisele! Nome de princesa... me disseram que é nome de balé. Gisele! A bailarina! Como é que eu vou dançar, hem? No Theatro Guarany... fazendo o papel... como o saci pererê? (gargalhadas) Imagina eu no palco pulando num pé só! Gisele, dançando a dança do Saci! (ri). Quem sabe dançar a dança do Saci? E óí, meus bracinhos curtosinhos! Como é que eu vou pegar no meu príncipe para dançar no salão? Ai, Jesus. Como Jesus é bom! Eu podia estar morta, enterrada a sete palmas... mas não, to aqui, vivinha, vivinha da silva, como um saci e sem os bracinhos... Não, não me fazem falta! Oh, consigo até bater palmas! (bate com os cotovelos):

Bate a Mão, Bate o Pé

Bate a mão

Bate amão

Bate o pé

Bate o pé

Vem brincar, vem dançar

Quero ver, quero ver

Quem quiser aprender

Bata forte pra valer

Cantando

Lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá Pulando

Lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá

Cantando

Lá lá lá lá lá lá lá lá lá lá

Bate o pé, vamos aprender

Bate a mão

Bate o pé

OU

Dedo das Mãos, Dedo dos Pés (Finger And Toes)

Dedo das mãos, dedo dos pés

Temos cinco em cada um Dedo

das mãos, dedo dos pés Vamos

contar, vou te ensinar...

Um, dois, três, quatro, cinco
Na mão esquerda
Um, dois, três, quatro, cinco
Na mão direita
Um, dois, três, quatro, cinco
No pé esquerdo
Um, dois, três, quatro, cinco...

Meu marido, sabe, é muito ciumento... mas um ciúme de amor... muito amor. Aí ele teve um ataque desses... bah, mas antes ele já me batia, antes... minha mãe dizia: casou, agora aguenta! O que Deus une ninguém separa, nem a porrada, nem a facada, nem o desrespeito, nem a humilhação... Então, ele me batia por amor, o ciumentinho! Aí ele perdeu a cabeça e me cortou os braços e uma perna... era para ser as duas, mas Jesus me protegeu e eu fiquei com uma... pelo menos eu posso pular como o Saci! Com um facão, uma machado... nem imaginava que ele tinha estas habilidades com o facão. Ele é muito bom no facão, zap, zap, zap, foi um braço, foi outro braço, foi uma perna! Mas, ó, tô aqui, oh, eu tô feliz... Ele tá preso! Coitado! Eu tô livre, livre, livre. Eu posso cantar, querem ouvir? Tem alguém de aniversário? Oh, eu bato palmas.

CRÔNICAS

Quando deixei de existir

Paulo Gaiger

Eu tinha catorze anos, recém havia ingressado no ensino médio. Vestia roupas que meus pais diziam ser esquisitas, ouvia minha mãe suspirar desconsolada. Meu pai comentava de lado e com ironia: vais assim, com essa coisa absurda, não preferes vestir

uma roupa normal? Usava piercing e tatuei uns versos de uma poesia da Florbela Espanca que eu adorava: “Eu quero amar, amar perdidamente! Amar só por amar: Aqui... além... Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente... Amar! Amar! E não amar ninguém!”. A biblioteca da escola não era lá uma grande biblioteca, mas num cantinho perdido de uma estante, tinha uma coleção de livros de poesia, de Vinícius de Moraes, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, Cora Coralina, Leminski, Mário Quintana, Elisa Lucinda... nomes que eu nunca tinha ouvido falar. Quando um professor faltava, eu corria para o meu canto e lia encantada. Um dia dei com a Florbela e me apaixonei. Outro dia, um menino da minha classe foi comigo. Ele também pareceu encantado com as poesias e decidiu, por toda uma vida inteira, que preenchia cada período sem aula, lê-las para mim em cada encontro às escondidas na biblioteca. Eu aceitei e me apaixonei. Mudei o ritmo de meu coração, já não eram as poesias que me mobilizavam, mas a sua voz e, a cada final de leitura, o beijo molhado. Depois de alguns meses vivendo uma rotina que parecia muito melhor e mais perfeita que o mundo dos filmes bobos para adolescentes, os beijos molhados se multiplicaram e as leituras de poesia foram caindo no esquecimento. Ele me impelia a fazer outras coisas, dizia que o excesso de livros deixava a gente fora da casinha, que era preciso viver o aqui e o agora, isto é, nossos arretos e beijos intermináveis. Eu vivia uma avalanche diária de promessas de amor “para sempre”, na mesma medida em que seus ciúmes erguiam muros entre eu e meus amigos, entre os livros e eu. Não queria que eu sáísse com mais ninguém, pediu a senha de meu celular e verificava as mensagens que eu recebia ou enviava. “É porque te amo”, sussurrava ao meu ouvido. Quando meus pais viajavam, íamos para o meu quarto e lá transávamos como coelhos. Ele gostava de futebol e eu assistia com ele quase

031

todas as partidas. Quando eu enchia o saco desta vida meio sem graça, eu só para ele, ele retomava declarações, às vezes até relia algum poema que eu guardava em casa. Começou a censurar minhas roupas. Senti que meu piercing oxidava e minha tatuagem desbotava. Mas uma vez, ele fez uma jura que, agora sei, deve ter sido a mesma de meu pai para a minha mãe: “quero ser o pai dos teus filhos”. Eu não queria ser mãe. Tempos depois, nos casamos. Nunca quis casar na igreja, mas meus avós suplicaram. Casei na igreja a pedido deles, me justifiquei. Não terminei a faculdade, mas cuidei de três meninas, nem todas planejadas. Às vezes, conseguia encontrar uma amiga, mas a minha rotina era a casa, o salão, a ginástica e o sexo quando ele queria. Ele ia para o futebol, enchia a cara de cerveja, comia garotas de programa e ostentava o título de homem e marido, defensor da família. Cansada e preparando o almoço, ouvi na rádio a canção A história de Lilly Braun, do Chico, cantada pela Maria Gadú. Fiquei arrepiada e chorei. Chorei muito repassando minha vida e querendo saber quando eu havia deixado de existir, quando abandonei a mulher para me tornar esposa e vassala de um homem minúsculo. No dia em que um AVC o mandou para o ultramundo, mal consegui fingir consternação. Eu tinha raiva de mim mesma, de como eu havia traído a Florbela e me deixado levar pela correnteza do lugar comum, um destino para as mulheres, desenhado pelos homens. Em nenhum momento alguém me alertou do absurdo. Recoloquei o piercing, descobri a tatuagem e sentei com minhas filhas: “está tudo errado. Vamos fazer diferente! Sejam mulheres, sempre! Livres e independentes!”

Quando matei minha mulher

Paulo Gaiger

O que acontece comigo é assombroso: a confirmação de que no hiato entre a última respiração e o *rigor mortis*, a vida inteirinha percorre a memória para revelar nossa verdadeira face. Em meu caso, é mais extraordinário ainda porque já estou dentro do caixão sendo velado. Não respiro e meu coração está apodrecido há muitos anos. Amigos do futebol, colegas de trabalho, meus pais, estão aqui. Embora mortinho da silva, percebo, através das pálpebras, minha esposa e minhas filhas recebendo os que vieram se despedir. As conheço bem e sei que fingem tristeza. É como se livrassem de um pesadelo. De mim, obviamente! Já prevejo, depois do ritual, comemorando com espumantes e dançando de alegria. Conheci minha esposa na escola quando éramos adolescentes. Nos intervalos ou quando um professor faltava, eu ficava mexendo no celular, falando qualquer coisa com meus colegas ou batendo uma bolinha na quadra. Entre as meninas da sala, ela era a mais estranha. Vestia umas roupas sem noção, tinha uma tatuagem com versos que eu não entendia, usava piercing e quase sempre ia para a biblioteca. Contudo, era extrovertida e às vezes bancava discussões sobre feminismo, direitos humanos e sei lá o que mais. Sobretudo, era linda. Seu jeito diferente me desafiou, e um dia, depois de uma aposta com meus colegas, me convidei para ir à biblioteca com ela, e ela, sem rodeios, topou. Olhei para meus colegas e dei um breve sorriso a la Don Juan, caçoando deles. Nas primeiras vezes em que fomos juntos à biblioteca, ouvi o que ela tinha a dizer sobre literatura e poesia. Então soube que ela havia se apaixonado por uma poetisa portuguesa, Florbela Espanca, e tatuou parte de um poema em suas costas. Sem nenhum

constrangimento, apenas cuidando a funcionária da biblioteca, ela tirou a blusa e mostrou o poema e pediu para que eu o lesse. Li, muito nervoso. Ela disse que minha voz era linda e pegou um livro de poesia: “leia para mim”. Ao longo de semanas, assim foram meus recreios e períodos sem professor. Até que um dia, demos o primeiro beijo. Um beijo gostoso que foi a ponte para uma paixão eternamente infantil. Fisguei a guria, anunciei aos meus colegas. E fui cansando do ritual da biblioteca. Na verdade, nunca gostei de leitura. Fiz toda esta ginástica porque queria conquistá-la, queria um troféu. Pouco a pouco, fui propondo outras coisas e quando ela insistia, inventava qualquer mal estar para não irmos às leituras. Ela foi cedendo porque acreditava em mim. Me acompanhava no futebol e, por ciúmes e possessão, metodicamente afastei seus amigos e os livros de seu horizonte. Os pais dela me apoiaram. Por amor, eu dizia: “Te quero só para mim”. Às vezes ela ficava furiosa. Então, eu pegava um livro e lia um trecho, entrecortado de juras de amor e desespero ensaiado. Quando isso não funcionava, largava a mão. A obriguei a tirar o piercing e a cobrir a tatuagem. Não sei por que agia assim. Meu pai nunca amou minha mãe, mas a suportava em nome da família. Minha mãe se sujeitou ao pesadelo, em nome da família. Agora no caixão, reconheço que nunca a amei, nem a respeitei. Queria a posse de um objeto que eu pudesse mostrar: essa é minha esposa. Quando casamos a coloquei dentro de casa. Aqui, não cobrimos as mulheres com *hijab*, mas as confinamos no espaço doméstico, o que dá na mesma. A convenci a largar a faculdade porque eu já trabalhava no escritório do meu pai. Outra maneira de prender a esposa é enchendo a casa de filhos. Tivemos três meninas que ocuparam o tempo todo dela. Acabei buscando garotas de programa porque entendia que não podia fazer sexo e extravasar meus fetiches com a mãe de

minhas filhas. Quando as meninas cresceram, começaram a se dar conta do pai que tinham. O pai machão que, em doses diárias de covardia, chantagens e mentiras, foi aniquilando a mulher que um dia conheceu indo para a biblioteca. Meu coração e meus valores já eram podres.

Meu pai era contra o tema de gênero na escola

Paulo Gaiger

Até os meus doze anos, eu admirava meu pai. No velório dele, na semana passada, já com meus vinte anos, meu sentimento era outro. Eu vivi um dilema: chorar a sua morte ou me sentir aliviada e livre. Minha mãe e minhas duas irmãs contaram que experienciaram sentimento parecido ao meu. Pareço uma filha ingrata ao escrever isso, não é? Mas tento explicar: até o início de minha adolescência eu achava natural como as coisas se davam em casa. Minha mãe, doméstica, preparando as refeições, limpando os quartos, cozinha, banheiro, escritório e sala, nos auxiliando com as tarefas escolares, se arrumando ao anoitecer para receber meu pai, sendo ofendida. Saía para ir ao supermercado, às vezes à academia ou ao salão de beleza fazer as unhas e dar uma ajeitada nos cabelos. Minha mãe sempre foi muito bonita. Não tínhamos muita intimidade, falo desse lance de conversar sobre a vida mesmo, de nossas angústias, de ouvir as angústias dela... Assim era porque em nossa casa havia uma hierarquia que proibia a troca de ideias e de vivências. Meu pai no topo, dando as ordens, minha mãe e nós três quase debaixo do tapete, sendo pisoteadas a cada pergunta que tentávamos fazer. Tínhamos que engolir o que ele determinava. Nos meus primeiros doze anos, então, achava isso super normal. Na escola, porém, eu tinha amigas que vinham de outras realidades, muitas

delas com pais divorciados, de famílias bem diferentes da minha. A Fernanda tinha duas mães. Tinha colegas gays, amigas lésbicas e conhecia um menino da outra turma que era mais mulher do que homem. Quando entrei no ensino médio, os professores de biologia e de filosofia introduziram na minha vida a questão de gênero, dos papéis culturais femininos e masculinos, e de um mundo humano que estava ao meu lado, mas que eu não via: eu achava que tinha de casar, ter filhos e cuidar de uma casa igual à minha mãe. Minha irmã, Clara, quase dois anos mais nova do que eu, não se dava muito com meninos, achava eles um saco, me dizia. Ela tinha sentimentos que não conseguia compreender, ficava irritada por qualquer coisinha. Meu pai falava que ela precisava de um namorado que logo se tornaria noivo, e depois marido, e que estas frescuras iriam cessar depois que tivessem filhos, uma ocupação. Começamos a brigar quando me dei por gente e superei minha condição de filha. Clara, muito mais. Minha mãe, quase sempre calada, começou a tomar partido e trouxe à tona o tempo em que lia muito e se sentia livre. Disse, certo dia, que o maior erro de sua vida fora deixar de ser mulher para se tornar esposa de um machista, chantagista e farsante. Levou uma bofetada. Nós intervimos e só não rolou uma batalha infernal porque meu pai saiu porta afora berrando que éramos umas mulherzinhas comunistas, que precisávamos de corretivo. Quando regressou, reuniu as filhas e nos aplicou uma surra daquelas. Clara, indignada, fugiu para a casa de uma amiga. Só voltou duas semanas depois porque a mãe suplicou. Na mesa, o pai pediu desculpas esfarrapadas e afirmou que a culpa era nossa porque nossa cabeça estava tomada desta ideologia de gênero que a escola ensinava. Respondi que ele é que representava a pior das ideologias, a de mulheres submissas e homens cegos e boçais

como ele; falei que meus amigos gays, trans e lésbicas tinham uma dignidade que ele nem sonhava porque era obcecado pela ignorância. Quando entrei na faculdade, minha mãe me abraçou, mas ele pareceu contrariado. E quando ficou sabendo de que Clara namorava uma mulher, jurou que ia mandá-la para um tratamento psiquiátrico e deserdá-la. Mas foi quando nossa irmã menor, aos catorze anos, tatuou um poema nas costas, começou a ficar com um colega negro e confessou que ficava horas a fio na biblioteca da escola, que nosso pai, enfurecido, foi correndo para lá, aonde nunca chegou graças a um AVC. Meu pai talvez quisesse, ao invés de três filhas fortes, três varões iguais a ele, violentos, covardes e estúpidos. Machistas e muito medíocres.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Juan. **La Magdalena – El último tabú del cristianismo**. Madrid, España: Aguillar, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual. Essa nossa (des) conhecida**. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2007.

FILHO, Alexandre Dumas. **A dama das camélias**. PDF. Núcleo de educação à distância. Belém: Universidade da Amazônia, 2019.

GAIGER, Paulo. **Gisele**. Esquete teatral. Sem publicação. Baseado em história real a partir de DORNELLES, Renato. “Perdô, mas quero que ele fique preso”, diz jovem que teve as mãos decepadas. GZH. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2015/08/perdoo-mas-quero-que-ele-fique-presos-diz-jovem-que-teve-as-maos-decepadas-cj5w1m68y16kkxbj003eg2f2v.html>> Acesso em: 08 nov. 2020.

HEINEMANN, Uta Ranke. **Eunucos pelo Reino de Deus. Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica.** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1996.

IBSEN, Henrik. **Casa de bonecas.** PDF. Coleção em Cartaz. Mariporã – SP: Editora Veredas, 2009.

LINS, Regina Navarro. **O Livro do Amor - vol. 1: Da Pré-História a Renascença.** [Rio de Janeiro]: Editora BestSeller. Edição do Kindle – Pesquisa realizada em 2018.

PAGELS, Elaine. **Adão, Eva e a serpente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação – as minorias na Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

STRINDBERG, August. **Senhorita Júlia.** Repositório Institucional. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2019.